

GLOBORURAL

globorural.globo.com

Investimentos em novas fábricas e expansão do plantio levam o Brasil ao topo do setor florestal



EDITORA GLOBO

Claudio Obino, engenheiro agrônomo, em fazenda de eucaliptos em Viamão (RS)

TENDÊNCIAS 2018

ESPECIALISTAS REVELAM SUAS PREVISÕES PARA OS PRINCIPAIS PRODUTOS DO AGRO

- ✓ FLORESTA
- ✓ SOJA
- ✓ ALGODÃO
- ✓ TRIGO
- ✓ CAFÉ
- ✓ MILHO
- ✓ ARROZ
- ✓ FEIJÃO
- ✓ ADUBOS
- ✓ DEFENSIVOS
- ✓ MÁQUINAS
- ✓ TERRAS
- ✓ AVES
- ✓ OVOS
- ✓ BOI
- ✓ RAÇÃO
- ✓ SUÍNOS
- ✓ CAPRINOS
- ✓ OVINOS
- ✓ LEITE
- ✓ MANDIOCA
- ✓ LARANJA
- ✓ FRUTAS
- ✓ CACAU
- ✓ HORTALIÇAS
- ✓ CANA
- ✓ COCO
- ✓ BORRACHA

PROMOÇÃO JUNTOU, TROCOU!

SELO 3 - AZUL



JANEIRO 2018 | Nº 387 | R\$ 15,00

CARGA TRIBUTÁRIA FÉDERAL APROXIMADA 4,65%

PROMOÇÃO JUNTOU, TROCOU!

2018
TENDÊNCIAS





Claudio Obino, engenheiro agrônomo, em fazenda de eucaliptos de Viamão (RS)

© MARCELO CURIA/ED. GLOBO



FLORESTA

Negócios de baixo carbono

O setor de florestas plantadas é uma das atividades do agronegócio que encaram com mais otimismo o novo ano, apesar das incertezas do cenário político-econômico do país. "A economia brasileira começa a traçar um panorama de boas perspectivas num futuro próximo", diz Elizabeth de Carvalhaes, presidente executiva da Indústria Brasileira de Árvores (Ibá). Ela está animada com as projeções de crescimento do setor, que deve investir em torno de R\$ 22 bilhões entre 2016 e 2020.

Segundo a Ibá, o setor florestal brasileiro foi o que mais atraiu investidores no mundo nos últimos dez anos. "Desde 2008, o Brasil inaugura uma nova linha de produção a cada 24 meses", diz Elisabeth.

Um desses projetos é a nova unidade da Fibria, a Horizontes 2, localizada em Três Lagoas (MS), que entrou em operação em outubro de 2017. O empreendimento torna a empresa líder em celulose de eucalipto branqueada do mundo, com capacidade para produção de 7,25 milhões de toneladas.

Para suprir a demanda, a companhia demanda uma área de 308.000 hectares de florestas plantadas, de acordo com o presidente da Fibria, Marcelo Castelli. "Em 2017, plantamos

seis mudas de eucalipto por segundo e o planejamento para 2018 é plantar cinco mudas por segundo", diz. Para ele, o Brasil pode considerar que todo ano é o ano da floresta.

"O Brasil tem mais de 7 milhões de hectares de florestas de eucalipto e os negócios baseados em produção sustentável tendem a aumentar", afirma o executivo. "É um setor que desempenha um papel fundamental para a economia do país, é provedor de serviços ecossistêmicos, mitigador dos efeitos das mudanças climáticas e fonte de desenvolvimento e inclusão social", diz Marcelo.

Madeira

No campo, o cultivo de florestas como investimento de longo prazo tem despertado o interesse dos produtores rurais. Quem tem mais de 30 anos de experiência no ramo de florestas plantadas para usos múltiplos é o agrônomo Claudio Obino, de 57 anos, que explora atualmente três áreas de eucaliptos, em parceria com proprietários rurais da região metropolitana de Porto Alegre (RS).

A área mais antiga, plantada em 2003, em Viamão, soma 80 hectares e está chegando ao final do ciclo de 14 anos, quando as últimas árvores che-

“Madeira para uso múltiplo é um bom negócio, mas não se pode deixar a floresta por conta da natureza” **Claudio Obino**

gam a 30 metros de altura e dão o máximo em toras, depois de o talhão inteiro gerar uma oferta de madeira de diversas idades para atender a serrarias, madeireiras e fábricas de esquadrias e pallets.

“Madeira para uso múltiplo é um bom negócio, mas que ninguém se iluda pensando que pode deixar a floresta por conta da natureza: é preciso controlar desde a genética das mudas até a logística de entrega aos clientes”, afirma Claudio, que passou a maior parte de sua vida profissional na Flosul, madeireira do Grupo Renner-Hermann.

“No primeiro ano, o eucalipto precisa ser cuidado como um bebê”, diz. Entre os cuidados essenciais no manejo do eucalipto no “ano crítico” da implantação destacam-se quatro adubações, três aplicações de herbicidas para conter a vegetação rasteira e o combate incessante às formigas.

A partir do segundo ano, bastam roçadas periódicas e as podas de galhos para que as árvores cresçam. Eventualmente, é preciso irrigar. Doenças e pragas são incomuns. Entre o quarto e o quinto anos, o eucaliptal passa por um corte, seguido de outro



entre o sétimo e o oitavo anos.

O principal faturamento (66%) ocorre entre o 13º e o 14º anos, quando se dá a colheita final das toras. Em regiões com chuvas regulares, o corte final pode ocorrer aos 12 anos. Em lugares com terras mais fracas ou sujeitas a estiagens, a colheita pode ser adiada para o 15º ano. Árvores de boas cepas e bem conduzidas alcançam 30 metros de altura. “Nossa experiência indica que, na fase final do ciclo, é possível obter 200 metros cúbicos de toras por hectare”, diz Claudio.

O foco principal do negócio é a

produção de toras de 5,50 metros de comprimento por 25 centímetros de diâmetro na ponta fina. O metro cúbico desse “filé da floresta plantada” é vendido a R\$ 150, em média, podendo chegar a R\$ 165. “Na média, num negócio bem tocado, pode-se ganhar R\$ 30 mil líquidos por ciclo de 14 anos, ou seja, mais de R\$ 2 mil por hectare ao ano”, explica Claudio Obino. A título de comparação, na pecuária extensiva praticada pela maioria dos criadores gaúchos, a média de ganho líquido anual é de 130 quilos de carne por hectare, o que daria atualmente R\$ 650 por hectare ao ano.

Claudio lembra que o produtor florestal precisa ter fôlego para sustentar o negócio até o primeiro raleio (corte), quando vem a receita. “Em Viamão, todo ano colho 10 hectares e replanto outros.”

Na atividade, é preciso estar atento, como em 2017, quando o mercado gaúcho se ressentiu da paralisação por cinco meses da principal linha de produção da Celulose Riograndense, que possui 170.000 hectares de eucaliptos, área equivalente a 40% dos eucaliptais do Estado. Com a parada para troca de uma caldeira defeituosa, a empresa direcionou as toras para clientes eventuais, sobretudo uma fábrica de compensado.

O mercado da madeira bruta foi obrigado a empilhar toras no campo ou retardar os cortes. Ao voltar a operar, em dezembro, a fábrica tinha deixado de produzir 600.000 toneladas de celulose (um terço de sua capacidade anual, de 1,8 milhão de toneladas). Segundo Hernán Cortez Wilson, presidente da CMPC, o desafio da companhia agora é obter da seguradora o ressarcimento dos prejuízos sofridos.



©2